

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg
Assinatura

Ano. 1885. — 24 francos
ESTREIA 12 francos

Avulso. — 1 francos

Se recta da Baga. 14 francos por numero e 15 francos por anno.

2º Anno. — Volume II. — Número 17.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO (1º)	OUTUBRO	12.000
SEMANTE	12	6.000
ANNO (1º)	PROVIMENTO	14.000
Avulso		500



O TRÍMPO DA CAVCA — UMA SÓ PRESA

G. JUNQUEIRO E RAMALHO ORTIGÃO

Guerra Junqueiro, o eminente poeta. Ramalho Ortigão, o eminente crítico, acabam de publicar dois livros extraordinários — *A Velhice do Pedre Eterno e Na Holanda*. A ILLUSTRAÇÃO não podia deixar passar desaparecido este grande acontecimento literário. No proximo número, o nosso jornal prestará também a sua homenagem a estes dois grandes artistas que acabam de dotar a literatura portuguesa com mais duas obras primas.

A ILLUSTRAÇÃO

A ILLUSTRAÇÃO continua a conservar a sua excelente reputação de primeiro jornal artístico e literário impresso em língua portuguesa.

Com a distribuição dos últimos números a imprensa de Portugal e do Brasil referiu-se à nossa revista em termos tão elogiosos e tão inquisitivos, que seria demasiadamente longo repeti-lhos aqui. A todos os nossos leitores da imprensa luso-brasileira enviamos sinceros agradecimentos, pelas muitas e boas palavras que nos tem sempre

os nossos leitores que a ILLUSTRAÇÃO é o único jornal que tem publicado sucessivamente trabalhos puramente inéditos de romancistas, poetas e críticos d'este valor.

Bento Moreno.
Cesarino Verde
Conde de Ficalho.
Eça de Queiroz.
Escragnolle Taunay.
Fidalgo d'Almeida.
Jayme de Seguier.
Joaquim d'Araujo.
Luiz Delfino.
Luiz Guimarães.
Machado d'Assis.
Mariano Pina.
Oliveira Martins.
Theóphilo Braga.
Valentim de Magalhães.
etc., etc., etc.

e trabalhos puramente inéditos de artistas portugueses e brasileiros, tais como

Antonio Ramalho.
Columbano B. Pinheiro.
Francisco Villaça.
Manuel Macedo.
Raphael Bordalo Pinheiro.
Rodolfo Amoedo.
Sousa Sávio.
etc., etc., etc.

A ILLUSTRAÇÃO procura por todos os modos ser o jornal mais completo e mais barato que se conhece em língua portuguesa. Além das suas seções artísticas e literárias, publica regularmente uma seção de MUSICAIS PARA PIANO e uma seção com a ULTIMA MODA DE PARIS.



OS QUE COMEÇAM

ANO é o dia em que o correio me não traga duns ou trez produções calligráficas e literárias, assinadas por nomes absolutamente desconhecidos n'esta aldeia onde todos se conhecem e que nós conhecemos sob o nome de « Litteratura portuguesa ». Verdade é, que a aldeola conta uma meia duzia de talentos capazes de revolucionar algumas das mais famosas cidades d'este velho continente em que apodrecemos... Mas a política tem desacreditado o paiz — e quando um paiz é desacreditado pela sua política á face da Europa, o crédito da sua Arte e da sua Litteratura vai também no enxurro...

Esta afflúencia de original, implorando a publicidade da ILLUSTRAÇÃO, enche n'este momento trez grandes gavetas. Representa em sêlos do correio, em repartos, em papel, uma somma não inferior a trinta reis! São contos, poesias, artigos filosóficos, críticas políticas e de costume, plantas históricas em prosa e verso, pensamentos morais, anedotas para fazer rir (sic) — sem contar os desenhos de curiosos, à pena e à lápis, e as músicas para piano e guitarra e flauta, hymnos e fados, valses e mazurcas...

A quantidade de concorrentes à profissão ainda no estado metaphysico de « litterato português » é assombrosa. Os lugares estão sendo mais desejados pela mocidade, que ainda ha poucos lugares para amanuense! O que a mocidade tem em vista, não sei. O que é um facto, é que não ha hoje nenhum mancero lisboeta que se não atire á Litteratura, com a mesma fúria com que ha anos se atiraram ás ondas de burguezinhas que para o Passeio Público iam ouvir os famosos concertos de Mme. Amann...

Os meios que os concorrentes empregam, para ver se chegam á pista, são diversissimos: Uns, fazem-se acompanhar de cartas de recomendação: deputados... sim! deputados! que me dizem que me não conhecem, mas que esperam que eu lhes negue um tal obsequio... Quasi sempre nego! Nunca pude levar a paciencia que um deputado se quiera meter em contas de literatura. Porque todos os deputados que tem querido ser escriptores — são os peiores escriptores que eu conheço. E vice-versa: Não ha peiores representantes do povo, que os literatos...

Outros concorrentes, á falta de recomendação oficial, afixam-me que andaram comigo pelos cafés de Lisboa, o que, seja dito de passagem, que me conste, não equivale ainda nem a um título literário, nem a uma carta de bachelar. Ao já tive o prazer de lhe apertar a mão no *Marinheiro*, eu preferi ainda assim uma certidão d'instrucción primaria! Talvez que um dia, todas as pessoas que aí hoje me tem apertado a mão, só por este facto, possam vir a fazer obras primas do valor das *Lusitadas* do D. Qui-

xote, ou do *Fausto*. Mas, porventura, as perícias não teem limites, e os concorrentes são muitos...

Ha os concorrentes que, invocando os privilégios de assignantes, dizem que é seu direito publicar os seus versos, e os deputados que também é seu direito publicar os seus. E cada individuo que assigna tem igual direito por esse facto considerado seu rei e seu chefe. No nosso paiz há ingenuidades, ignorâncias, e ignorâncias mais ignorantes ainda! Eu sempre pensei que, quando um individuo assignava um jornal — era para o ler. Agora vejo que é para o redigir! Aplicando o mesmo raciocínio aos livros, quem compra um romance de Eça de Queiroz, não é para o ler — é para fazer outro igual. E quem compra um lugar para a Ópera, não é para ir ver e ouvir — é para ter o direito de ir cantar a parte de tenor ou de baixo, conforme está no *paraiso* ou na *geralta*...

Ha também os concorrentes que me ordenam que publique a versalhada no mais proximo numero; que me mandam, como se manda um moço de recados. Também eu os mando!....

Ha os que imploram protecção. Ha os que para me *decidirem*, pedem que lhes publique « os reles sonetos inclusos » (sic) ou a borracheira que junto remeto (sic). Eu sei que isto é uma fôrma capciosa de exprimir a modestia propria. Mas formal! O meu dever de director é só publicar coisas boas. Ora desde o momento que o proprio autor affirma em carta, que o que escreveu é reles e que é uma grande borracheira, imaginarei que mando publicar semelhante cousa — é tomarem-me por tólo... Com o que eu me não zango!

Ha os que para me commovêrem logo do começo me chamam « Mestre » e à ILLUSTRAÇÃO — « Sol qui illumina o firmamento luso-brasileiro ». Pois estão muito enganados. Não somos nada d'isso. E se tornam a chamar-nos nomes — chamo-os eu a uma polícia correcional!

E ha então os bons e ingenuos noviços, os que sahiram hontem do collegio ou do lyceu, os que falam com o coração nas mãos, os que contam toda a sua vida e todos os seus sonhos, os que não tem nem uma modestia postica que revolte, nem uma arrogância que faz rir; os que são sinceros, os que se leem com prazer, incorrectos, desfeitosos, trazendo reminiscências de todos os livros que tem folheado — mas que em todo o caso prometem furar.

Todos os mezes destino um dia — sempre um domingo — para ler atentamente o que tem chegado. Mas ultimamente, n'uma curta *litteratura* em Saint-Germain, decidi-me a ler uma grande quantidade de originais, de que ainda não tinha lido senão as primeiras linhas ou os primeiros versos. E revendo as minhas notas desde a fundação da ILLUSTRAÇÃO, cheguei de novo a apurar para a typographie, como original de debutantes — o mais redondinho zero que um lapis bem aparcado entre os meus dedos tem feito em dias de minha vida.

Decidi-me a ser da maior benevolencia para os que começam; examiná com a mais escrupulosa atençao os seus escriptos; quiz avisá-los mesmo através d'aqueles estilos hesitantes, incharacteristicos e ainda falsos, o talento que andava tornando para cada lado como um ebro ou como uma creança que não sabe andar — e acabei sempre os meus exames diário de sobre-

rectimento, cheio de tristeza, sem ter sequer arrancado a este monte uma couça que podesse resaltá-la à luz do sol.

Todo o meu desejo era realizar uma destas ambições, dar publicidade a um destes escritos. Sei perfeitamente quanto alegria isto lhes havia de dar! Quantas horas felizes lendo e relendo o artigo, para ver se sahio num bom sítio, se veio sem erros! Que o digam, todos os meus camaradas de letras, com que entusiasmo não viram pela primeira vez o seu nome em «letra redonda»? Com quanta comissoão não deitaram na caixa do correio a primeira obra que implorava a publicidade a qualquer folha da moda?... E que alegria quando pela primeira vez se sabe que se disse do autor, o que também se diz na *Musa em Férias*:

Entrando eu não sei onde

Disse um banqueiro opulento :

— «Li nos jornais, sr. Conde,
Que este rapaz tem talento.» —

Mas todos os rapazes do meu tempo — apenas recuo de sete anos — quando começaram a enegrecer papel não se limitavam a verdadeiros temas de rhetorica, gênero epistolar ou gênero descriptivo como os que actualmente recebo...

Aos descoito annos, apenas saímos do liceu, íamos para a Biblioteca, ler as *Farpas*, as *Viajagens na minha terra*, as *Odes modernas*, o *Crime do Padre Amaro* na publicação primitiva da *Revista contemporânea*. E eram depois noites em branco, um estragar de cadernos de papel, para ver se obtivemos o segredo e o hábito de escrever litterariamente. Não pensem que se imitava. Tratava-se apenas de adquirir um estylo, de jogar com as palavras, de saber variar as phrases. E pouco a pouco fomos habituando a pena, mandando correspondências para jornais de província... Que correspondências! que críticas! Até estremeço quando penso em tal!

Aos vinte annos já se tinha lido todo o *Balzac*, todo o *Gauthier*, todo o *Saint-Victor*, todo o *Proudhon*, todo o *Taine*. Foi então que demos entrada no *Martinho*. O Fidalho abandonava a sua correspondência de Leiria; eu a minha de S. Miguel. Todo este grupo cahia então a fundo sobre os jornais de Lisboa; conquistava as sympathias da *Havaneira* e da loja do Carmo — e publicava folhetins no *Diário da Manhã*. Publicar um folhetim no *Diário da Manhã* era então a fôrma mais evidente do triumpho, das palmas verdes, das corôas de ouro... E em oito annos fez-se Fidalho d'Almeida; Fortunato da Fonseca, um primoroso poeta indolente como um fumador de *haschich*; Teixeira Gomes, um excentrico e um prosador originalissimo; José quim d'Araújo, o poeta que todos aqui conhecem; e outros que abandonaram a bohemia literaria para serem medicos, engenheiros, agricultores, pelo que eu os felicito, e bachareis... pelo que eu lhes dou os meus pezames!

Mas o que nunca se viu entre os rapazes d'aquele tempo, é esta gravidade de velho pensador que reveste toda a obra literaria que actualmente recebo. Nos contos que me enviam hoje a onda há ingenuidades que revelam um rapaz descolado, cada mancoco tem a comica preoccupation de fazer *realismo*, de escrever à Daudet e Zola. Cada um destes novicos imagina-se um escravo do Dever artístico, que lhes manda

fazer literatura para acompanhar o movimento. Não sei se percebem! O Fidalho ainda se não sabe quando nos dará *Os Maias*... O Teixeira de Queiroz também não trabalha muito activamente... É necessário portanto escrever, para o público ter que ler. E é o noviço quem se senta pelo manhã à banca como faz o meu vizinho Zola; e é o noviço quem escreve. O que um noviço hoje escreve é assombroso de bêtise. José Proudhomme era ao menos alegre. Os novicos são asfixiantes.

Quando fazem prosa é uma calamidade. O realismo teve isto de mau — todos os Homais se quizeram vingar de Flaubert, metendo-se a romancistas. Homais Seniors e Homais Juniors. Em Portugal e no Brazil isto é peior que qualquer das pragas que tanto arruinaram o pobre Pharaó.

Quando fazem versos, é a *Musa em Férias* e a *Morte de D. João* mastigadas. Tenho em meu poder exemplares preciosos. A colecção d'aquei a alguns annos há de ser vulgosa. Mais tarde voltarei ao assunto para citar e transcrever. Por hoje limito-me a oferecer-lhes uma amostra dos versos d'aquele poeta que exigiu publicação de todas as suas obras, porque é assinante. Não sei como também não exigiu que lhe publicassem o retrato e a biographia! Traita-se d'uma poesia — *Ella*... *Ella* é o fraco, a paixão do meu querido bardo. Vejam o retrato que elle nos manda da prenda amada:

*A sua face de neve,
A sua voz de marfim,
Cô um cor de rosa mui leve
É d'anjo, é de seraphim!*

*Seu negro cabello, assim,
D'um brilho diamantino,
Macio como setim,
É d'um fresco matutino.*

*Como é bello vel-a assim!...
N'esse mad'co, doce enleio
Que lh'agitá tanto o seio,
Que também m'agitá a mim!*

Este mad'co assim escrito é assombroso.... assombr'oso!

Mas de tudo, o que eu acho realmente divertido são as cartas postas anonymas, d'esta chusma de literatinhos que não lograram ver o seu nome na *ILLUSTRAÇÃO*, e que me insultam pelo correio ficando, pelo anonymo, ao abrigo de qualquer desforço que eu deseje tomar. Porque são elles, os despeitados, que me insultam, porque alguns já mesmo me significaram o seu descontentamento em carta registrada — porque não estou disposto a encher as columnas d'este jornal com quantas mediocridades e indecências me enviam dia a dia.

Meus caros senhores! Podem-me dirigir injúrias, insultos, que não me decidem a publicar-lhes as ascensas. E quanto a cartas anonymas, digo-lhes como Alphonse Karr dizia aos seus detractores — quando se quer meter medo a alguém, não se deve confessar que se é um covarde, não assignando a carta que se deitou no correio!

MARIANO PINA.

SANTA CECILIA

Impressões d'um quadro de Delacroix.

*Num rincão virginal de aguas claras e mansas,
Pequeno bâixel, a vento vai boitando,
Bilhe-se, prado a praua, o sol a das suas trêcas:
E vai timidamente as aguas abrindo...*

*Circundada um respeitável lucento de efeitos,
Usa-lhe a fronte a luar serena, nocturno e brando,
E com a grata ethereas e meigas das crepuscúlos
Santa Cecilia vai boitando, vai boitando...*

*Escrevam os jasmins abrem-se d'luç da luz,
E as verem-na passar, phantasticâ barquinha,
Murmuramente si: — É um marmor que fluctua...*

*Ela entra enfim no oceano... E escutâ-se ao luar
A m'de do pescador, rezando a Idainha
Pelos que andam, Senhor! sobre as aguas do mar...*

Porto, julho, 1883.

ANTONIO NOBRE.



UMA BÓA PRÉSA

ESTAMOS na época da caça. Por toda a parte se batem os mattos, e os campos, e os baldios, serras, e vales e plainos... Por toda a parte o mesmo entusiasmo, a mesma febre, o mesmo ardor... Por toda a parte os mesmos latidos das matilhas, os gritos dos caçadores, o silvo do chumbo atravessando o ar...

E uma das epochas mais alegres do anno. É uma alegria, é uma febre, todas estas caminhadas, leguas e leguas senti descansar um instante, atrez da bella caça que levanta vôo, ou que foge diante do cano da espingarda.

Nunca se anda tanto em outra época do anno, nem de tão boa vontade. Ainda o sol não accordou, e já um caçador a encher o seu polvarinho, e a pôr-o a tiracolo, e a pôr ao ombro a espingarda, e na companhia do seu perdigueiro, a deixar a villa e a seguir por essas campinas além, para ir fazer a sua espera...

Os amadores dizem que a pesca, a pesca à linha, é claro, tem seus encantos. Terá. Mas o que é deveras encantador é a caça, é este desassocoço em que sempre se anda, é este firmeza com que se faz cair o animal que ousou passar diante do cano da nossa espingarda, são estes passeios sem fim, arrastados apenas pela caça que tanto nos pôde levar para um lado como para outro...

Entre os nossos leitores, raro são os que não saibam pegar n'uma espingarda, e que não oiram com prazer para a esplendida gravura que hoje lhes oferecemos. *Bóea presa!*... A arribida do animal animal não pôde ser nem mais encantadora nem mais bela. Tem a presa nos dentes e não a larga mandibula, o capôr se não aproxima... E quando o seu amador voltar para casa, e mostrar todo o resultado da sua jornada, o bello animal ha de passar diante d'este monte de cadáveres como quem diz: «N'esta vitoria, estou por metade!»

O desenho da nossa gravura é devido ao sr. Bellecroix, um artista que se tem distinguido sempre em assumptos de vida campestre. A gravura nova bella pagina é de Meaulle, um outro artista ilustrado de Paris.



UM DRAMA HORRIVEL...

*De como um infame rafeiro
pode perturbar no exercício das suas funções uma respeitável sentinelha!*

Desenho de CARAN d'ACRE.



OS BANHOS DO MAR EM FRANÇA. — À hora da maré cheia, a uma praia normanda

PAGINAS ALEGRES

CONTINUAMOS hoje a oferecer aos nossos leitores as *Paginas alegres* que ultimamente inaugurámos, tendo a primeira um tão ruidoso sucesso.

Caran d'Ache é ainda hoje o nosso colaborador, aquelle que vai fazer sorrir o nosso público com a extraordinaria aventura sucedida a uma pobre senzinha.

Mas como Caran d'Ache, ha outros muitos desenadores franceses, cada qual com a sua maneira, com o seu estilo, usando o seu gênero.

Temos por exemplo Job e Moloch e Sahib, sem falarmos de Mars, aquelle que na *ILLUSTRAÇÃO* tem assignado paginas tão brilhantes.

Hoje publicamos uma segunda pagina de Caran d'Ache, mas nos numeros seguintes iremos variando, de modo que os nossos leitores de Portugal e de Brazil conheçam vantajosamente todos os desenadores espirituosos d'este grande e variado Paris artístico.

A *ILLUSTRAÇÃO* cumpriu assim o dever de propaganda, que se impôz desde o seu começo.

OS BANHOS DO MAR

SERA a praia normanda, ou seja a praia portuguesa ou italiana, o carácter é o mesmo em todas, e os tipos e as scenes pouco ou nada variam. O que a nossa gravura reproduz, toda esta vida, todo este movimento, estas atitudes e estes tipos tão pittorescos interpretados com tanto espirito pelo nosso collaborador Chelmonski — também se encontram em todos seus desenhos n'este Espinho, na Foz, na Figueira, na Nazare, em Cascaes, em Pedrouços, em Setubal, em todas estas formosissimas praias de Portugal onde agora a nossa sociedade passa o trimestre calmoso que vai de agosto a outubro.

O desenho de Chelmonski, como todos os desenhos do mesmo artista, trazem sempre uma "nota naturalista" d'un pittoresco e d'uma critica adoráveis. Um outro desenhador teria alindado a scena, teria recortado e talhado as elegantes, teria claramente evitado as obesidades, teria feito uma scena de banho, bonita, elegante, mas pura, penteadas, envernizada, sem se desmanchar um momento. Mas todo este mundo que pula, que corre, que nada, que mergulha, estes magros e estas gordas, é muito mais vivo e muito mais alegre, porque é verdadeiro, e estou certo que os nossos leitores vão sorrirem diante d'esta pagina onde ha o cunho d'un artista que observa com muito espirito.

O BRAZIL EM ANVERS

No seu penultimo numero a *ILLUSTRAÇÃO*, conforme tinha promettido nos seus leitores, publicou varias gravuras representantes da seccão portuguesa na exposição universal de Anvers. Essas gravuras foram acolhidas com muita curiosidade pelos nossos leitores de Portugal, e os jornais noticiaram a apparição d'este numero de *ILLUSTRAÇÃO* com palavras de elogio que sinceramente agradecemos os nossos collegas da imprensa portuguesa. Entre elles nota-se o *Correio da Manhã* de Lisboa que transcreveu em artigo de unica a chronica do nosso director, que tinha por titulo *Portugal em Anvers*.

Hoje temos a certeza de que o presente numero não sera acolhido com menos interesse pelos nossos leitores do Brazil, porquanto é a *ILLUSTRAÇÃO* o unico jornal que vai mostrar ao publico do Imperio o modo como o Brazil se faz representar no grande concurso internacional de Antwerpia.

Foto Centro de Lavoura e do Commercio do Rio de Janeiro o encarregado de organizar a grande exposição dos cafés. O governo brasileiro contou com um largo subsidio, o que foi que o director de organizar rapidamente a seccão preludicasse o

suo aspecto, pois que, como beleza, a exposição do Brazil deixa muito a desejar. Mas o que é um facto é que no dia 2 de maio já o sr. Conde de Villemain, ministro do Brazil na Belgica, inaugurava o compartimento do Brazil, recebendo ali a visita do rei das Belgas. Mas a instalação completa só se realizou no dia 7 de junho.

A seccão do Brazil occupa uma superficie de 500 metros.

Na grande sala representada na nossa segunda gravura fica a exposição dos cafés de Rio, das Minas Geraes, São Paulo, Espírito-Santo e Bahia de que existem 1,238 amostras, classificadas por províncias. O café está metido em bocais de vidro de diferentes formas, collocados ao longo de prateleiras. Ao centro da grande sala vê-se o retrato de S. M. o sr. D. Pedro II.

Tambem ha magnificas amostras de madeiras mandadas pelo Arsenal de marinha, officinas de construção do caminho de ferro D. Pedro II, Campos Limões e C., engenheiro Del-Velho. E o que dispensa grande curiosidade são os productos da província do Amazonas colligidos e expostos pelo nosso collega Sant'Anna Nery, o correspondente em Paris do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Tambem é importantissima a exposição dos productos do Pará, principalmente a borracha, e curiosas amostras de carvão de pedra das minas d'Arruda dos Ratos, na província de Rio Grande do Sul. Tudo isto foi organizado polo sr. Nery e por elle trazido da sua ultima viagem à província do Amazonas.

Ha tambem uma vitrine onde se encontram amostras de tabaco em folha; uma outra com amostras de magnificos crystals; uma rica e interessante coleção de ferro em barra; uma coleção de cíndulas do Paraná; acochos, etc., etc.

A exposição do café é que é o tudo da seccão brasileira.

Os principais expositores são:

PELO RIO DE JANEIRO

Srs. Visconde de Nova Friburgo, Visconde de São Clemente, Barão de Rio Bonito, Carvalho e Faro, Barão de Santa Maria, Dr. Christovão Rodrigues d'Andrade, Domingos Theodoro d'Azevedo, Araújo Maia e Irmão, Herdeiros de João Pereira da Silva, Manuel Luís Pereira d'Andrade, Dr. A. Lazarini, Barão d'Oliveira Róxo, João Antonio Esteves, etc.

POR S. PAULO

Srs. José Gonçalves d'Araujo Viana, Ferreira e Guedes, Dr. Lázaro Pereira da Silva, Lacerda e Irmão, Antonio Franco Arruda, Protos e Filho, etc.

POR MINAS GERAES

Srs. Barão d'Araujo Maia, Barão de Santa Helena, Dr. Lage Barbosa, Barão de Santa Leocádia, Pedro Procopio, Rodrigues Valle, etc.

Pena é que não viessem amostras de café do Ceará, que é considerado um dos melhores. Nas amostras de cafés de Bahia sobressaem as dos srs. Pinto e Irmão.

Os minerais é que ficaram fora do concurso, ficando sem recompensas os esplendidos productos das minas de São João d'El Rei.

O Brazil obteve ao todo 227 recompensas, entre elles 11 diplomas de honra.

As amostras de couros agradaram muito e obtiveram

ram medalhas d'ouro, sendo concedido pelo jury no Centro de Lavoura e do Commercio um diploma d'honor.

Dos tabacos da Bahia foram principaes expositores os srs. F. J. Cardozo, Dahuemann e S. Fernandes, E do Rio o sr. J. F. Correia.

Os vinhos brasileiros obtiveram medalha de ouro, e todas as madeiras foram premiadas.

Finalmente, se a exposição do Brazil não brilhou pelo seu aspecto exterior, fez excellente figura pela superior qualidade dos seus productos.

E não nos esqueçamos de alludir à nossa primeira gravura representando o pavilhão onde se tomava o café. Todos os visitantes eram recebidos ali, e ali lhe ofereciam uma chavena de primoroso café. E tão apreciado foi, que actualmente se distribuem 3,000 chavenas por dia.

N'este pavilhão encontramo-nos com Nicolau Ribeiro, um excellente amigo que a sociedade de Lisboa conhece como antigo assignante de S. Carlos, e que foi d'uma prodigiosa actividade em auxiliar todos os trabalhos, sendo organizador e secretário da comissão. E todo este trabalho apenas pelo amor do seu paiz, porque nem talvez o governo brasileiro saiba quantos serviços prestou o seu compatriota, hoje residente em Bruxellas, e que todos os dias estavam em Anvers a auxiliar as instalações. Tambem é digno de elogios o sr. Deseau, o delegado especial do Centro de Lavoura, e o sr. Eduard Pecher, ex-negociante no Brazil.

Isto dito não é nossa intenção esquecer o que fizaram os commissários do governo, entre elles o nosso amigo Guimaraes, um dos delegados especiais do governo imperial.

As nossas photogravuras são chapas directas das unicas e raras photographias que se tiraram, e que só estão em poder dos membros officiões da seccão do Brazil.

MÃE

Mas de encantos n'esta figura cõr de rosa da criancita adormecida n'un triste berço! Quanta serenidade n'este sonmo d'un anjo que o céo poderia bem guardar nas suas regiões serenas!...

É sem duvida este o pensamento fixo d'essa mãe que, pendida sobre o fructo das suas entranhas, amaldiçõa o passado, recela o futuro, o que forma na sua dor muda, um tão vivo e tão dramatico contraste com a innocent e meiga criaturinha. Pobre mãe!... « Ser mãe, é o inferno!... » como se diz na *Arlesiana*, este poema em prosa de Daudet. De que horríveis incertezas se não enche a sua pobre cabeça, vendendo-se visiva e pobre, e com um filhinho que ella talvez não possa guiar no mundo...

Poucas vezes o pincel d'um artista produzio uma pagina tão philosophica, que diz mais que o mais bello artigo. Esta tela de Deschamps foi uma das obras mais aplaudidas do *Salon* de Paris. Se a nossa gravura não pode dar uma ideia da cõr, o desenho e o sentimento do quadro foram maravilhosamente traduzidos pelo nosso eminente collaborador artístico Ch. Baude, aquelle que no penultimo numero da *ILLUSTRAÇÃO* nos apresentou o esplendido retrato do nosso collega Pinheiro Chagas.

A ULTIMA MODA DE PARIS

Maior abundancia de matérias obrigou-nos, com grande pesar nosso, a reamar daqüanto numero a nossa premiada seccão de modas.

Muitas das nossas leitoras escreveram-nos, admiradas da sem-cerimonia com que tinhamos prometido uma seccão regular, a que logo faltámos. Mas

alluvio de assuntos forçados passada, — a Ilustração recomega a dar em todos os números um desenho da última novidade parisiense em toilettes de senhoras. E os teatros vão abrir, e os bailes vão começar, e o outono bate-nos à porta, e as nossas leitoras podem estar certas que lhes havemos de oferecer as grandes curiosidades da toilette que mais faltadas forem em Paris.

A gravura que hoje damos representa uma toilette muito na moda na praia de Trouville e de Dieppe:

Mais saia em estamine apil marinho sobre uma saia azul, com prégas no cintado. A meia saia termina em ponta e a mesma forma é repetida no corpo.

OS DOMINGOS NO SENA

Delegantes e espíritooso croquis do nosso colaborador, dali perfeitamente uma ideia de que são estes domingos sobre o Sena. Paris que não pode estar no campo nem nas praias. Paris que não tem os regalos d'uma estação em Trouville ou em Spa, o Paris dos empregados e dos pequenos burgueses e dos pequenos comerciantes — quando domingo chega, ergue-se de manhã muito cedo, e a gare de Saint-Lazare é invadida por uma multidão buligosa e alegre que vai a caminho do Bougival, de Marly, de Chateau de Saint-Germain, de Poissy, etc.

Até ao meio dia passa-se o tempo no banho, ou a pesca, ou a preparar as canções. Depois, chega a hora do almoço, a bela fratura dourada, um bom bife na grelha, e uma garrafa de bom e picante Chablis... E o almoço findo, toca para o Sena!...

O lindo espetáculo que estes margens deliciosas do rio cobertos de milhares de parisienses! E todo este mundo a sair para as canções, a deitar as roupas, a deitar as linhas; uns afirando-se à agua, e apostas sobre o que nada mais depressa; outros correndo o rio em todas as direções, sobre ligeiros canoas onde ha escrito a ouro o nome d'uma amante querida, e ondê se descobre o louro perfil d'uma parisiense rindo para o remador, com os seus bonitos dentinhos de demônio de Paris!...

E à noite todo este mundo invade os bailes de canotiers, e são valas e mais valas que Olivier Métra ou Audren escreveram em momentos felizes; e de quando em quando a orchestra também entoa uma quadrilha, e erguem-se um pouco as saias, e branquiam as rendas, e dâ-se um pulo de can-can.

E à uma hora da noite todo este mundo entra alegremente em Paris, cheio de coragem para resistir ao trabalho insano d'uma semana, e fazer bellos projectos de divertimento para o proximo domingo, onde o mesmo entusiasmo e a mesma verve se repetem.

A CASCATA GRANDE DA TIJUCA

Teste sítio é um dos mais belos e dos mais afamados do Brasil. A Tijuca é uma das montanhas mais altas do Império, e a grande cascata forma um voo imponente e atraente, muito frequentado por nacionais e estrangeiros.

A grande cascata da Tijuca oferece um espetáculo soberbo, que o nosso colaborador Villase nos descreve com aquela elegância e verdade de traço que tanto o caracterizam, e que o tornam um dos desenhistas mais distinguidos do nosso país.

Francisco Villase, que por muitos annos habitou o Brasil, é a todo estes desenhos um grande carácter de observação própria, que é o que faz com que as suas páginas tão apreciadas sejam entre os muitos numerosos amigos do Império.

O BOCADO DE PÃO

Orovino duque de Hardimont estava em Aix, na Saboia, para fazer tomar as aguas seu famoso cavallho *Perichole*, que apanhara uma pulmonite depois d'um resfriamento no Derby. E acabava de almoçar quando, lançando um olhar distraído para um jornal, leu a notícia do desastre dos franceses na batalla de Reichshoffen.

Bebou o seu copo de *chartreense*, pôz o guardanapo sobre a meia do restaurante, deu ordem ao criado de quarto para fazer as malas, tomou duas horas depois, o expresso de Paris e correu a repartição do recrutamento para se alistar n'um regimento de linha.

Pode-se ter levado, dos desenove aos vinte e cinco annos, a existência enervante do estoradão — era enfeio o termo na moda — podia-se passar uma vida estupida nas cavallarias de corridas e nos *boudoirs* de cantoras de opereta, — ha circunstâncias em que se não pode esquecer que Enguerrant de Hardimont morreu com a pele em Tunis, no mesmo dia em que São Luiz, que João de Hardimont comandou as grandes companhias no tempo do Du Guesclin, e que Francisco-Henrique de Hardimont morreu combatendo em Fontenoy. Imediato de gosto como estava pelos seus escandalosos e imbecis amores com Lucy Violette, o moço fidalgo, ao saber que uma batalla tinha sido perdida por franceses em território frances, sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e experimentou a horrível impressão de quem recebe uma bofetada.

Eis a razão porque, nos primeiros dias de novembro de 1870, tendo entrado em Paris com o seu regimento que fazia parte do corpo de Vintoy, Henrique de Hardimont, atirador na «terceira» do «segundo» e membro do Jockey-Club, se achava com a sua companhia diante do reduto das *Hauts-Bruyères*, posição fortificada à pressa, que protegia o canhão do forte de Bicêtre.

O lugar era sinistro: uma estrada bordada d'árvores magras e rachiticas, atravessando os campos leprosos dos arrabaldes, e, à beira d'esta estrada, uma taberna abandonada de que os soldados tinham feito o seu posto. Tinham-se ali batido alguns dias antes, a metralharia tinha destruído varias árvores, e todas traziam nos troncos as brancas cicatrizes dos tiros d'espíngarda. Quanto à casa, o seu aspecto fazia estremecer; o telhado tinha sido furado por um obuz, e os muros pareciam sarapintados com sangue. As pipas arrombadas; as malhas e as bolas espalhadas pelo chão; o balouço com as cordas que o vento-humido fazia gemer; as inscrições, por cima da porta, raspadas pelas balas: *Gabinete de societad — Abraço — Varmas — Vinto e 60 cent. o furo — que enquadram um coelho morto pintado por cima d'um desdoso tacho de bilhar, nubado em ouro, por cima d'um*

tudo isto lembrava com uma ironia cruel a alegria popular dos domingos d'Outono. E, por cima de tudo isto, um feio céu d'Inverno onde rolavam grossas nuvens cor de chumbo, unido baixo, cônico, odioso.

A portada taberna, o ditijuz estava imovel, a espumar a um bandoleiro, o bonete para os olhos, as mãos carmudas nas alpargatas das suas calças vermelhas, e morenhas com frio. Entre-gue a sombrio pensamento, este soldado via dentro olhava tristemente a linha dos montes perdidos no nevoeiro, donde partia de quando em quando, com uma detomada, a nevegem branca do fumo d'um canhão Krupp.

De repente, sentiu que estava com fome.

Pôz um jijadilho em terra e tirou do seu saco, encostado de encontro ao muro, um grande pedaço de pão de munição; depois, como tivesse perdido a sua navalha, trincou-o assim mesmo e comeu lentamente.

Mas depois de ter comido alguns bocados, estava satisfeito; o pão era duro, tinha um gosto amargo. E pão fresco só na distribuição do dia seguinte, e ainda se a inclemência assim determinasse. E algumas vezes, bem duro e bem triste a tal profissão de soldado; e agora é que o duque se lembrava d'aquilo que elle chamava outrora os seus amigos hygienicos, quando, depois d'uma ceia mais demorada, se sentava sobre uma jangela do ree-de-chão do *Café Inglaterra*, e se servia: — meu Deus! um coxa bem simples — uma costela, dois ovos mexidos com pontas d'espargos. E o criado dos vinhos, conhecendo os seus hábitos, abriu com precaução uma fina garrafa de velho *léoville*, docemente escondido n'um cabazinho, Caramba! Afinal era esse o bom tempo, e jamais se poderia habituar a esse pão de miséria.

E, n'um momento d'impaciencia, o rapaz atirou com o resto do pão para cima da lama.

* *

Neste mesmo instante um soldado saía da taberna; baixou-se, apertou o bocado, afastou-se d'alguns passos, limpou o pão com a manga e pôz-se a devorá-lo com avidez.

Henrique de Hardimont estava com vergonha do que tinha feito, e olhava com piedade para o pobre diabo que mostrava um tão bom apetite. Era um rapaz alto, mal feito de corpo, com olhos de febre e uma barba de hospital, e tão magro que as suas omoplatas faziam boas debilhas do seu capote.

— Pois tens tanta fome, camarada? disse aproximando-se do soldado.

— É como vds. responderam este, com bocas cheias...

— Perdão-me. Se soubesse que te poderia fazer prazer, não teria deitado fora o meu pão.

— Não faz mal, respondeu o soldado. Não tenho nójo.

— Não tenho, diz o aristocrata, o que se é mal feito só estou arrependido. Mas não quer que faças mal idéia de mim, e como eu fui de velho cognac no meu cantiel, vamos beber juntos um belo goleada.

O homem tinha aspecto amarelo. O olhar é desconfiado, o semblante amedrontado.

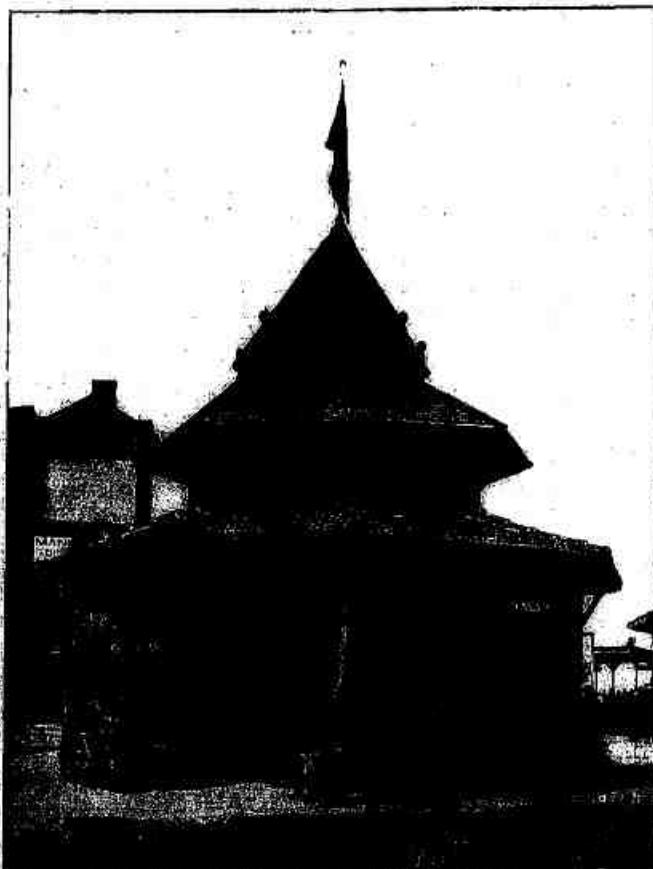
— Hardimont, respondeu o duque, suprimindo o seu tique e a sua particular... E

— João-Victor... Acabo de sair da companhia... Saio da ambulância... Fui ferido em Châtillon... Ah! era na ambulância que se estava bem, e o enfermeiro dava-nos bem bom caldo de cavalo... Mas a ferida não era grande; o major assignou a minha saída, e, agora vai-se de novo rebenhar com fome... Se não quizeres não acredites camarada, mas tal que tu me vês, tive sempre fome toda a minha vida!

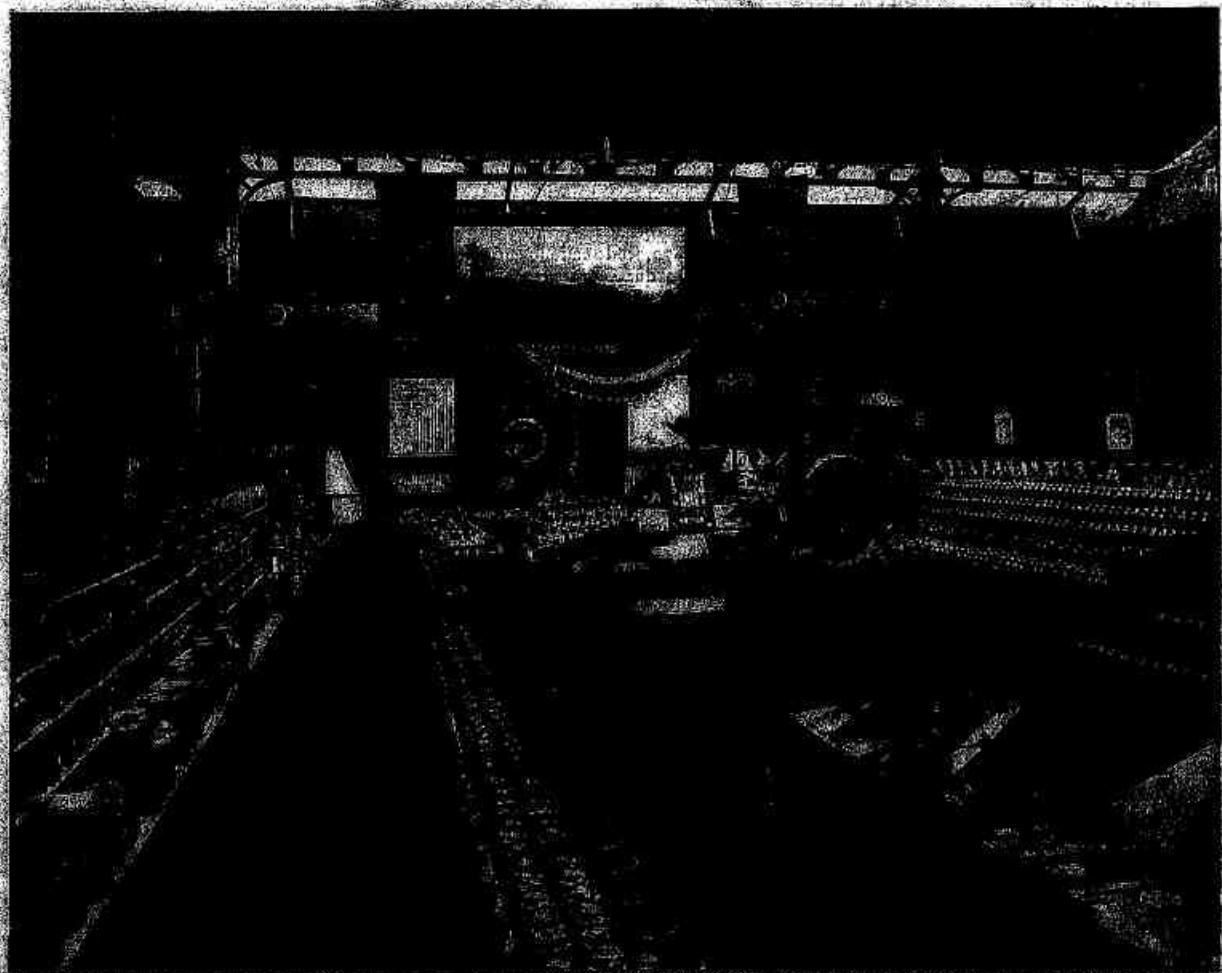
A palavra era medonha, dita a um voluptuoso que lamentava ainda há pouco a consinna do *Café Inglez*, e o duque de Hardimont olhou para o seu compatriota com espanto. O soldado sorriu dolorosamente, deixando ver os seus dentes de lobo; os seus dentes de esfaimado, tão brancos nessa face cor de terra. E adivinhando que se estava a esperar d'uma confidência:

— Olhe, disse o soldado cessando bruscamente de trair por tu o seu camarada, adivinhando sem dúvida que era um feliz e um rico, — olhe, vamos andar um bocado para aquecermos os pés, e eu lhe contarei coisas que sem du-

vida nunca ouviu... Chamome João-Victor, João-Victor sem mais nada, por que sou um engelito, e a única recordação boa que tenho é o tempo da minha primeira infância, enquanto estive na casa dos expoços. Os lençóis eram brancos, nos leitos do nosso dormitorio; brincava-se n'um jardim, debaixo de grandes arvores, e havia uma religiosa, muito nova, pallida como um cirio, — andava doente do peito — de quem eu era o preferido e, com quem gostava mais de passeiar, do que brincar com as outras creanças, por que me puchava contra si fazendo-me festas com a sua mão magra e morna... Mas aos doze annos, depois da primeira comunhão, só a misericórdia! A administração tinha-me posto em aprendizagem em casa d'um empalhador de cadeiras do *faubourg* São-Jacques. Já vê que não é um ofício; impossível de ganhar a vida, e a prova é que a maior parte do tempo o patrão só tomava como aprendizes os rapazes do hospício dos cegos. Foi então que comecei a passar fome. O patrão e a patróna, — dois velhos, marido e mulher, que morreram assassinados, — eram terríveis avarentos, e o pão, depois de nos ter dado um bocado muito



O BRAZIL EM ANVERS — Detalhe do café



O BRAZIL EM ANVERS — Vista da exposição



M. A. E. — Quadro de Luis Deschamps. — Gravura de Baude

pequeno ao almoço e ao jantar, ficava fechado à chave. E à noite, à hora da ceia, era curioso ver o patrônio quando nos servia a sopa, o suspiro que soltava de cada vez que nos dava mais uma colher... Os dois outros aprendizes, os cegos, eram menos infelizes do que eu; não lhe davam mais do que me davam, mas não viam o olhar d'esta má mulher de cada vez que me estendia o prato... E a desgraça é que já tinha então um grande apetite. Ora diga-me se a culpa é minha?... Fiz lá trez annos de aprendizagem, sem nunca satisfazer o meu apetite... Trez annos! Aprende-se aquele ofício n'um mez; mas a administração nem tudo pode saber e não pensa que exploram com as crianças... Ah! admirou-se de me ver pegar no pão enlameado? Pois já estou habituado;apanhei muitos códices pelas valas, e quando estavam muito secas, deixava-as amollocer toda a noite na minha bacia... Algumas vezes também apanhou bons bocados, os bocados de pão que os rapazes deixam fora quando saem da escola. Quando andava aos recados era sempre por onde passava... E depois, quando a aprendizagem acabou, comecei a trabalhar pelo ofício, que não dá para um homem comer. Também tive outros, por que nunca me faltou a coragem para o trabalho. Dei serventia a pedreiros: fui criado de armazens, fui limpá-chaminés, nem eu já me lembro do que fui! Hoje não havia que fazer; amanhã era despedido... Emfim, nunca comi à minha vontade... Ah! com mil demônios! que às vezes tinha fúrias quando passava diante d'uma padaria! Felizmente para mim, nesses momentos, lembrava-me sempre da boa religiosa do hospício, que tantas vezes me recomendou que fosse honrado, e até parece que sentia sobre a minha cabeça o calor da sua misericórdia... Finalmente, aos desdito annos assentei proça... E agora — até quasi que me dá vontade de rir — temos o cerco e a fome!... Já vê que não lhe menti ha bocada quando lhe disse que tinha tido sempre, sempre fome!

**

O duque tinha bom coração, e ouvindo esta confissão terrível, feita por um homem como ele, por um soldado cujo uniforme tornava seu igual, sentiu-se profundamente commovido. Foi mesmo feliz para a sua fleuma de dandy, que o vento da tarde seccasse nos seus olhos duas lagrimas que acabavam de apparecer.

— João-Victor, disse, não ousando por um instinto delicado tratar por tu o engeitado, se sahimos vivos d'esta guerra medonha, haveremos de nos ver e espero poder-lhe servir para alguma cousa. Mas n'este momento como não ha nos postos avançados outro paidele senão o cabo e como a minha ração de pão é duas vezes maior que o meu apetite, — fica assente, não é verdade? — que a haveremos de dividir como bons campanus.

Foi valente o aperto de mão d'estes dois homens; e como a noite caísse, entraram para a taverna onde uma duzia de soldados se tinham deitado sobre a palha e, deitando-se um ao lado do outro, adormeceram n'um profundo sonno.

Pela volta da meia-ponte, João-Victor acordou, tendo fome talvez. O vento tinha varrido as nuvens, e a lúa penetrando na taverna pelo buraco do telhado, iluminava a loura e bonita cabeça do jovem duque de Hardimont. Ainda todo commovido com a bondade do seu cam-

rada, João-Victor olhava-o com uma admiração terna, quandu o sargento do pelotão abriu a porta e chamou os cinco homens que deviam ir render as sentinelas avançadas. O duque era d'esse numero, mas não acordou quando chamaram pelo seu nome.

— Hardimont, de pé! repetiu o sargento.

— Se dá licença, meu sargento, eu vou em seu lugar... Está a dormir tão socegado... e é o meu camarado.

— Como quizeres.

E desde que portiram os cinco homens, todos começaram a resonar.

Mas uma meia hora depois, tiros d'espingardas, cerrados e muito pertos, ouviram-se na noite. N'um instante todos se poseram em pé; os soldados saíram da taberna caminhando com precaução, a mão no gatilho da espingarda, e olhando ao longo da estrada, toda embranquecida pelo luar.

— Mas que horas são? diz o duque. Estava de guarda esta noite.

Alguém respondeu-lhe:

— João-Victor foi em seu lugar.

N'este momento, via-se um soldado que chegava a correr pela estrada fóra.

— Que ha de novo? perguntaram-lhe, quando parou, todo esbaforido.

— Os Prussianos atacam... cerremo-nos sobre o reduto.

— E os camaradas?

— Vem abi... só o pobre João-Victor...

— O quê? exclamou o duque.

— Uma bala que lhe atravessou o crânio... Morreu sem dizer: oi!

**

Uma noite do inverno passado, pela volta das duas horas da manhã, o duque de Hardimont saía do club com o seu vizinho, o conde de Saulnes; acabava de perder algumas centenas de luizes e sentia-se com dores de cabeça.

— Se o meu caro amigo quizesse, disse ao companheiro, entrariamos a pé... Tenho necessidade de tomar ar.

— Pois não; com todo o gosto.

Mandaram embora os coupés, levantaram as golas de pelles e desceram para os lados da Magdalena. De repente, o duque empurrou alguma cousa com o bico do sapato; era um grande pedaço de pão, todo sujo de lama.

Então, com grande espanto seu, o sr. de Saulnes viu o duque de Hardimont pegar no bocado de pão, limpá-o cuidadosamente com o seu lenço brasonado e pol-o sobre um banco do boulevard, à luz d'um bico de gaz, bem na evi-dencia.

— Que está fazendo? diz-lhe o conde soltando uma gargalhada. Está doido?

— É a recordação d'um pobre rapaz que morreu por mim, respondeu o duque, cuja voz tremia ligeiramente... Não ria, meu caro, porque me pode ofender!

FRANÇOIS COPPÉE.

NOTA LYRICA

*Nas madrugadas de estio
O sol põe, graciosamente,
Nas águas mansas do río
Uma chuva resplendente
De formosas pedrarias
Que as ondas, quando se movem,
Fazem brilhar, docemente,
Nas suas cúpulas frias...*

*Assim, meu lirio nevado,
Quando em noutes sem luar,
Ergues o rosto maguado
Fitando o céu... esse olhar,
Esse olhar tão socegado,
Mas sempre cheio de luz,
Como se fura formado
Do brilho d'alguma crua,
Esse olhar tão socegado
Produz no céu as estrelas,
Tão fulgurantes, tão belas,
Que tu no céu vés brilhar,
Meu anjo casto, bendito,
E que são os reverbáros
Da meiga luz d'esse olhar
Nas ondas do infinito...*

Eça de ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

A já muito tempo que não venho falar de livros aos leitores da ILLUSTRAÇÃO, anuncian-do-lhes as ultimas novidades que surgem nos mercados de Lisboa e do Rio de Janeiro... Não pensem que o meu silêncio foi devido a uma certa indignação de parte d'autores que se julgaram maltratados nos meus artigos. Não me assustem...

Uns, imaginando ver através do meu pseudoamigo a verdadeira pessoa, cahiram a fundo sobre o escriptor que assina as crónicas da ILLUSTRAÇÃO. Outros, disfarçados sob os pseudónimos de *Um assignante*, de *Um leitor*, invadiram de bilhetes postais o escriptor d'este jornal, bilhetes onde os meus correspondentes se permitiam excessos de intimidade que lhes podiam valer alguns dias de cadeira, se tivessem a coragem de os assignar, e se dessem com um sujeito mais bilioso e mais feroz que este seu critico...

Também não reapareço para servir de jubilo a certos jornais que pagam nas minhas notícias para ferir diretamente autores más maltratados. Não me sinto a ideia de fazer critica para alimentar inimizades.

Reapareço porque para cima da minha meza vieram cair alguns livros saídos de pratos portugueses e brasileiros — que reclamam meia duzia de linhas.

Reapareço... porque me apraz reaparecer! Nem a ILLUSTRAÇÃO mudou d'habitos, nem eu mudéi d'elas. Estamos ambos d'accordo. Rompe a orchestra!

Aluda duas palavras:

Também estes artigos não tem, nem nunca tiveram a pretensão de vir substituir os primeiros artigos que o Jornal de Seguir tem publicado na seção Letras, se o nosso eminente colaborador nos não tem ultimamente acompanhado, é isto apenas devido ás suas enormes ocupações. O *Diário do Governo* é quem sólo responde, em prejuízo das boas letras. Mas bem de pressa ele renunciará o seu posto, para de novo continuar a sua sorte de notabilíssimos artigos literários, tão apreciados do público da ILLUSTRAÇÃO.

Isto dito, começemos:

ALBURO DO ACTOR SANTOS. — Esse curioso volume é um inílio artigo, tem a particularidade de original de um leitor.

sorrir se lembrarmos tempos passados de glória, e de nos deixar também tristes, quando olhamos para o presente.

Que formos tristes, assim tão desplumadamente interrompidos, quando o artista estava em plena flor do seu talento! Ninguém nem sequer fortuna, nem malor infelicidade.

De todas as cozinhas ilustradas de que a história nos fala, nenhuma tem igualmente tanta compaixão. O próprio Bichonne de Cassilho continuava a produzir do mesmo modo, ou talvez com muito mais cuidado que no tempo em que a vista era, dom que não todos temos em abundância.

Mas com Santos tudo muda de figura. Na sua arte a primeira condição, a essencial, a culminante — é ver!... A vista perdida, não se encontra um palmo de distração neste mundo dos bastidores, donde a fatalidade separa para sempre os cegos.

O Álbum traz por sub-título: *Repositorio de curiosidades dramáticas*. É ilustrado com vários desenhos de Raphael, Santos antes, Santos depois, e Santos em várias peças que ficaram celebres pelo seu desenho magistral.

O Álbum encerra a maioria dos documentos que existem d'esta brilhante carreira artística. Abre por um prologo do actor: *Dividas sagradas a pagar, conselhos para quem os quiser seguir, e causas para vir*. Santos conta-nos certas partes anedóticas da sua vida, ainda ignoradas; certos episódios com actores do seu tempo; impressões da sua viagem a Madrid, a Paris e a Londres; e entra depois a falar da vida dos bastidores em Lisboa. É a parte que mais me desagrada. Pinta sobre ella uma atmosfera de roubiceira, que lhe tira todo o carácter de opinião sincera...

Quem ha de devorar com verdadeira guia estas páginas, é esse mundo de curiosos, de *N. N.* da arte dramática, de actores despetados, modiocridades que querem ser gênios — e que tomaram para alva da sua inveja este teatro de *D. Maria*, onde um corajoso grupo de actores tem feito verdadeiros milagres.

Porque razão a mediocridade de *D. Maria*? Porque n'aquele teatro a *mise en scène* tem proporções desconhecidas em terras portuguesas; por que os actores satuando em Paris ou habituados à *Comédie*, tratam com o maior escrúpulo a arte de estar



A ULTIMA MODA DE PARIS (Ver pag. 262).

em a cena, de bem vestir, de bem andar, de bem dizer, todos os mil nadins que fazem dum acto um primo para a vista e um regalo para o espírito; porque em *D. Maria* se delataram para o tanto as velhas aseas forradas de papel barato, os velhos pannos remendados a sujos, e por que hoje temos um teatro nacional que põe tão bem em cena como a *Comédie* e o *Gymnase*. O próprio Santos nos o dirá:

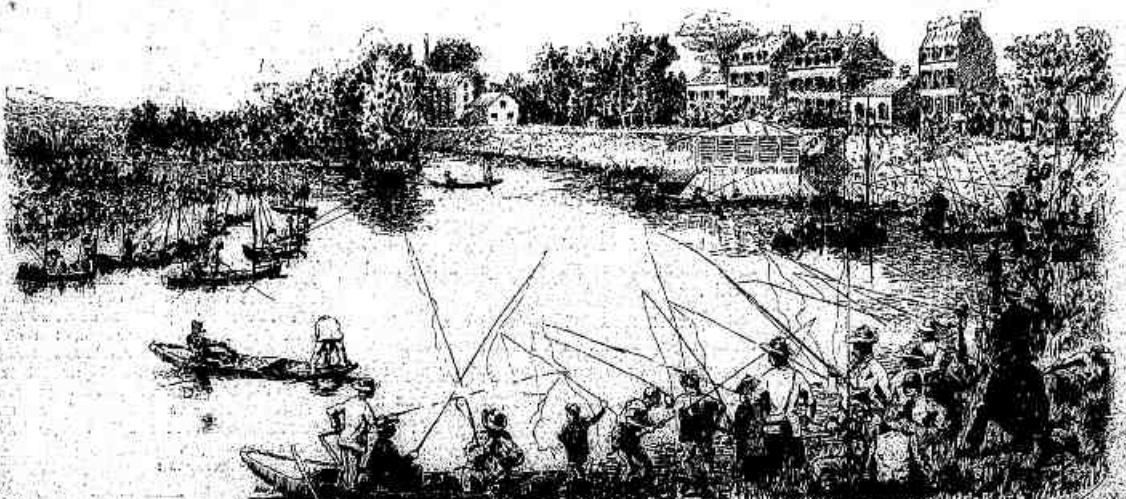
« É preciso que se salte uma coisa — tanto nos teatros da París como nos de Londres, contribui n'uma grande parte para o éxito das peças o ensemble, a afinção, a mise en scène. »

Para que vir então falar em erros d'um teatro que luta corajosamente pela vida!... Mas quê querem? Parece que a vida teatral não poderia existir sem estas rivalidades, sem estes can-can. E a final, todas as vidas são como esta!... Quantos subditos de S. M. o senhor D. Luiz I e do sr. D. Pedro II me não odiaram, com um ódio coroso, por que ocupou este lugar na *ILLUSTRAÇÃO*! E quantas jornais ilustrados não gritaram contra a infâmia, porque a *ILLUSTRAÇÃO* quis dar ao público um jornal tão bom como os de París e de Londres?...

Depois, os conselhos embrulhados de censura que dirige a *Brazão*, não me parecem justos. Não é a Santos nem a nenhum outro actor eminent, que compete fazer uma critica tão severa d'um outro artista.

Um actor pode ensinar a outro actor costumes do ofício, a ciência da cena; mas d'ahi a fazer uma crítica completa do artista vao uma grande distância. E diz categoricamente que o *Brazão* não tem felic, nem gêsto, nem olhares, nem garganta, nem pulso, nenhuma para fazer o *Othello*, nem o *Hamlet*, nem o *Ruy-Bias*, — porco-me injustiça grande e imperdeável. Com que catão o actor *Brazão* não está com furos acima dos novos recrutas da *Comédia* francesa, Raphael Duflos e Lambert fils, a quem o teatro confia os papéis do grande repertório romântico? Enfim a sua bela figura, a sua voz, o seu bello gesto, não dão um esplêndido *Hamlet*? ou um soberbo *Francisco 1º* ou um extraordinário *Ruy-Bias*...?

O actor Santos é o proprio que nos conta no seu Álbum, que uma noite meio duzias d'individuos puseram Ramalho Ortigão, quando ele sobre a cena recebia os



PARIS PITTORESCO. — Um domingo nas margens do Sena.



BRAZIL — A CASCATA GRANDE DA TIJUCA — Desenho do nosso colaborador F. Villalobos

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO»

MAZURKA

F. CHOPIN

Vivo (♩:60)

PIANO

f semplice. *dimin.* *mezza voce.*

Ped.

fz

Ped.

sotto voce

Ped.

cresc.

Dal Sogno senza Fine

The musical score consists of five staves of piano music. The first staff begins with a dynamic of *f* semplice, followed by *dimin.* and *mezza voce.* The second staff starts with *fz*. The third staff begins with *sotto voce*. The fourth staff starts with *cresc.* The fifth staff concludes with the instruction *Dal Sogno senza Fine*. Various performance instructions like *Ped.* (pedal) and *mezza voce.* (mezzo-forte) are scattered throughout the score.